

Paulo Moura

Um bebé é um passaporte para o Céu

"Sucess"!

"Desculpe? Eu perguntei o nome do bebé". A funcionária do Registo Civil olha impaciente para Glória, que está sentada à sua frente, olhos muito abertos, no pânico de dizer alguma coisa errada.

"Sucess", confirma o padre, que está ali para ajudar. "É um nome nigeriano. Significa 'êxito'"

Relutante, a funcionária vai preenchendo o impresso de registo.

"Sexo da criança?"

"Feminino".

"Nome e idade da mãe da criança?"

"Glória Inflença Ighbinosa, 25 anos".

"Do pai?"

"Jamie Inflença Ighbinosa..."

"É igual?"

"Sim, somos casados, temos o mesmo nome".

"Avós maternos?"

Glória soletra os nomes do pai e da mãe, ambos falecidos.

"E agora diga-me como se chamam os avós paternos da criança".

Silêncio. Glória volta a cabeça para o padre, a pedir ajuda. "Ela não se lembra. Isso não interessa, deixe em branco", diz ele.

[Ter entrado naquela patera foi para Glória como chegar ao cume de uma montanha. Mais uma última etapa, depois de mil, todas inultrapassáveis. Durante um mês viajara pelo deserto. Da Nigéria até Marrocos, em vários camiões, a pé, de fronteira em fronteira, que era preciso atravessar clandestinamente, de noite, arriscando a vida ou a ser deportado para a fronteira anterior, iludindo os guardas, pagando, em cada uma, mais um incomportável tributo em dinheiro e em candura. Um grupo de pouco mais de vinte fugitivos, da Costa do Marfim, Libéria, mas

quase todos da Nigéria, homens e mulheres, lançados na imensidão africana com o destino suspenso e o retorno embargado. Vinte nómadas da sorte num deserto de razão. Tânger era a primeira grande miragem: o porto marroquino de onde se poderia alcançar a Europa, numa patera, as pequenas lanchas clandestinas que atravessam perigosamente o Estreito de Gibraltar.

Mas Tânger não seria mais do que um longo Purgatório em desavença tácita com o Céu. E em concorrência desleal com o Inferno.]

"Dia e hora do nascimento da criança?"

"Dia 23 de Julho, às 4 horas da tarde", responde Glória, traduzida pelo padre. "Foi há dez dias. Nasceu aqui, em Algeciras".

A funcionária preenche toda a folha do registo, e depois o Livro de Família, o equivalente espanhol da Cédula Pessoal. É este documento que irá conferir o estatuto de residente em Espanha a Sucess, bem como à sua mãe, única familiar e tutora da menor.

"Pronto, objectivo cumprido", diz o padre. "Agora vamos ao médico". Glória levanta-se, um pouco cambaleante, como quem finalmente desembarca após uma interminável estadia no mar.

"Já está?", quer confirmar, o rosto ainda crispado de desconfiança.

[Em Tânger, foram dois anos de espera, primeiro em pensões clandestinas miseráveis, depois numa casa partilhada com dezenas de outros nigerianos, onde cada um pagava dois euros por dia, por fim na floresta. Quando, há pouco mais de um ano, O Governo marroquino, pressionado por Madrid e Bruxelas, começou a mandar a polícia intensificar a perseguição aos imigrantes ilegais sub-saarianos, foi preciso fugir da cidade. Procurar um local secreto e inóspito onde fosse possível, se não viver em segurança, pelo menos sobreviver. Um local inacessível onde se pudesse sobreviver sem documentos, sem

dinheiro, sem nada que identifique uma criatura como membro da comunidade humana.

Um local tão selvagem como eles, que o tornariam ainda mais selvagem e onde se fariam ainda mais selvagens. Um local que passou a ser uma lenda de maldição em Tangerang: Missnana. Mais exactamente, o bosque de Rah Rah, na encosta de um monte de pinheiros e arbustos, nos confins da região de Missnana.

Ninguém pode avaliar o que é passar meses em Missnana, anos em Missnana. A devastação que Missnana pode trazer a uma consciência. Foi ali, na floresta onde milhares de negros vivem como bichos, que Glória traçou e executou minuciosamente o seu plano. Conheceu Jamie, engravidou e, seis meses depois, tratou de arranjar os dois mil euros para pagar a travessia do Estreito numa patera. Foi uma corrida contra o tempo. Era necessário chegar a Espanha com pelo menos seis meses de gravidez e antes de o bebé nascer. Nem todas conseguem, mas Glória sim. Foi tudo no limite, mas foi um sucesso. Embarcou, pelas suas contas, precisamente nove meses depois de ter engravidado.]

Não é a primeira vez que o médico do Centro de Saúde de Algeciras recebe uma criança africana trazida pelo padre. Olha com enfado para Sucess, que é minúscula e tem os olhos enormes e tristes da mãe. Glória só terá amanhã a cédula da Conservatória, pelo que ainda não poderia trazer a filha para ser vacinada. Mas o padre alega que se esqueceu do papel, e o médico acede a dar a injeção no pé da criança, com evidente brutalidade. Sucess contorce-se de dor, aperta muito as maozinhas negras e chora. Glória desvia o olhar. Mas o bebé volta à sua letargia habitual quando entramos no consultório de Pediatria.

"Há quatro dias que não faz cocó", explica o padre.

A médica ausculta, observa, testa, despe Sucess e estimula-lhe o ânus com uma cotonete. Nada. Há um problema qualquer com o sistema digestivo da criança.

"O ideal será amamentar até aos seis meses", explica a médica. "Pelo menos até aos três. E em circunstância alguma deverá dar outro tipo de alimentos à criança nas primeiras semanas de vida".

"E comida de bebé? Porque não posso dar-lhe?", pergunta Glória, quase com desespero na voz. Mas jura à médica que nunca alimentou Sucess com nada excepto o seu próprio leite. "É mentira", sussurra-nos a médica, sem perceber o comportamento da nigeriana. "O bebé tem pouco mais de uma semana e ela já anda a dar-lhe porcarias. Porquê? Não é uma questão cultural. No país dela as mulheres amamentam os filhos até não terem mais leite. Por que faz ela isto?"

O padre tenta explicar: "Quer proceder como as amigas. Lá na casa todas dão comidas artificiais aos bebés..."

"Mas qual é a razão?" A médica receita uns supositórios e fita o padre por momentos, sem dizer nada. Glória pega em Sucess e dirige-se para a porta.

["Éramos uns 70. Levaram-nos, de camião, para uma praia, e entrámos na patera. Era meia-noite". Glória não mostra qualquer emoção, quando nos conta a sua história.

"Havia negros e marroquinos. E várias grávidas. E mulheres com crianças. Estava uma noite quente e calma quando partimos, mas, uma hora depois, levantou-se uma ventania terrível... não sabia o que pensar. Devíamos estar no meio do Estreito. Uma escuridão absoluta... As ondas começaram a ser gigantescas... assim... por cima de nós. O guia deixou de conseguir controlar o barco, desatámos às voltas... Era cada vez pior. Falávamos com ele, mas não respondia. Eu não sabia o que pensar.

As mulheres choravam. Só se ouviam berros... alguns homens queriam bater no guia... a água entrava no barco, o motor esquichava combustível a arder... muitas pessoas ficaram feridas. O frio era insuportável. Depois o motor deixou de funcionar. Ficámos ali à deriva no meio da tempestade. Alguns tinham telemóvel, queríamos pedir ajuda, mas o guia não deixou. Não queria ser preso. Além de imigrantes ilegais, levava

droga, disseram-me uns marroquinos. Pensámos que íamos morrer. O barco estava cheio de água, quase a afundar. O vento não parava. Todos aos gritos. Eu estava quase a ter o bebé. Sabia que ia acontecer. E ao mesmo tempo ia morrer... não sabia o que pensar. Eu tentava rezar, mas nem conseguia. Andámos ali, horas e horas. Toda a noite. Amanheceu e a tempestade não parava. Só muito mais tarde o guia conseguiu arranjar o motor. O vento abrandou... chegámos a Espanha à uma da tarde. Andámos 13 horas no mar. O guia começou a atirar pessoas fora do barco antes de chegar à praia. Mulheres grávidas, pessoas doentes. Mas a polícia chegou. Os marroquinos desataram a fugir, pela praia. Os negros, não. Mas a polícia apanhou todos. Tudo preso. Os senhores da Cruz Vermelha estavam na praia, trataram de nós. Levaram-me para a esquadra, perguntaram se eu conhecia alguém. Eu ia mostrar o papel que dizia 'Padre Pateras', mas nem foi preciso. Levaram-me logo ao papá. Eu estava aflita, disse-lhe que tinha de ir ao hospital, ele percebeu tudo. Fomos na carrinha dele. Cheguei já em trabalhos de parto. Sucess nasceu nessa tarde".]

O padre Isidoro Macías, 57 anos, frade franciscano da Cruz Branca, é conhecido em toda a África. No seu gabinete, uma sala frugal junto à capela, na Casa Familiar Virgem da Palma, mostra-nos várias cartas que recebeu e onde, no lugar reservado ao destinatário está apenas escrito "Padre Pateras - Algeciras".

"Só posso fazer o que faço porque sou um fora da lei. Mas se alguém tinha de o fazer, é melhor que seja eu", explica Isidoro, cujo estatuto de religioso lhe permite movimentar-se incólume nas entrelinhas da lei. Enquanto se discute se o que ele faz é legal ou não, já foi, nos últimos meses, entrevistado várias vezes pela televisão, recebido pelo rei de Espanha e considerado "Herói Europeu do Ano" pela revista "Time".

Até 1972, Isidoro Macías viveu em Tanger, onde dava apoio aos espanhóis exilados pelo franquismo. De regresso a Espanha,

interessou-se pelos problemas dos imigrantes africanos que chegam de Tanger.

O seu "crime" é simples: dos milhares de imigrantes que chegam todos os anos, em pateras ilegais, às praias da costa de Tarifa, ele dá ajuda aos casos que considera serem os mais prementes — as mulheres, principalmente as que chegam grávidas ou com bebês. Dá-lhes abrigo e comida, em dois apartamentos propriedade da Igreja, afectos à instituição de caridade Casa Familiar Virgem da Palma.

Tudo começou a 24 de Junho do ano 2000, quando a polícia de Algeciras, em desespero, lhe veio pedir ajuda. Tinham chegado, nessa noite, centenas de imigrantes clandestinos. As pateras tinham começado a chegar em 1989, mas nunca tinha acontecido uma avalanche assim. Ninguém sabia o que fazer. A Cruz Vermelha não estava preparada e a polícia também não. O campo para ilegais de Gibraltar não comportava tanta gente. Telefonaram ao padre Isidoro, a meio da noite, pedindo roupas para as pessoas. Depois, apareceram com sete mulheres, duas das quais grávidas e uma terceira com um bebé. Isidoro deu-lhes guarida. Desde então, não teve descanso. O número de mulheres grávidas ou com crianças nas pateras não parou de aumentar e a polícia, à falta de alternativas, habituou-se a trazê-las a Isidoro, o Padre Pateras.

Nos seus dois apartamentos, já viveram, nos últimos três anos, mais de 130 mulheres, grávidas ou com os seus recém-nascidos. Neste momento, são quinze as jovens nigerianas que habitam as casas da rua da Praia da Vitória, em Algeciras. Além destas habitações, a Igreja Católica da Andaluzia tem um outro apartamento em Tarifa e mais cinco na zona de Cádiz, com mulheres grávidas e crianças provindas da África sub-saariana. "Eu ajudo quem precisa de ajuda", explica o padre. "Não pergunto se é cristão ou muçulmano ou ateu. Também não quero saber se a história que as pessoas me contam é verdadeira ou não. Nem o que vão fazer das suas vidas, depois de as ter ajudado".

Na sua maioria, as mulheres que aqui chegam dizem que são casadas, que o marido ficou na Nigéria e que não sabiam que

estavam grávidas quando decidiram emigrar. Mas Isidoro não tem ilusões. "Elas vêm grávidas porque descobriram que é a única forma de chegarem a Espanha e não serem deportadas. A criança, como nasce em território espanhol, tem automaticamente direito de residência. Ao ser registada aqui, é-lhe emitido um Livro de Família, onde consta o nome da mãe e do pai. Com esse Livro de Família, a mãe, como é a única familiar do menor, adquire também direito de residência, durante seis meses. Nesse período, com este documento e com um passaporte que alguém lhe envia entretanto da Nigéria, pode pedir um visto de permanência no país. O passo seguinte é mandar vir o suposto marido, que nessa altura terá mais facilidade em regularizar a sua situação".

O padre Isidoro sabe tudo isto, mas sabe ainda mais. Não só a gravidez é um expediente para ficar na Europa, como o próprio "casamento" das mulheres que recebe é, na maioria dos casos, um embuste. "Elas não são casadas. Andaram, em Tânger, a fornicar, com alguém que conheceram lá, para engravidarem. Faz parte do processo, organizado pelas mafias".

O que Isidoro não verbaliza, mas decerto não ignora, é que ele próprio faz parte desse processo. As grávidas das pateras não trazem nada consigo excepto os números de telefone de contactos da mafia na Europa e um papelinho com um nome — Padre Pateras.

"Elas nunca dizem a verdade. É impossível saber, por exemplo, quanto pagaram às mafias. Mas foi muito dinheiro. É por isso que eu digo que estes, que chegam aqui, não são os pobres de África. Esses, nunca saem de lá. Mas a mim não me interessam essas questões. A quem me procura a pedir ajuda, eu dou ajuda".

Para as mulheres das casas da Rua da Vitória, Isidoro é um verdadeiro pai. Visita-as várias vezes por dia, vai com elas ao hospital e às repartições públicas, garante os cuidados de saúde para os bebés. Em alguns casos, depois de lhes ter dado guarida durante meses e conseguido os documentos de residência, ajuda-as a arranjar emprego. Na sua maioria, porém,

as mulheres, mal têm a sua situação regularizada, desenvencilham-se sozinhas.

"É triste, mas, nuns 80 por cento os casos, elas, depois de saírem daqui, acabam por entregar-se à prostituição", reconhece Isidoro.

E as crianças? Onde ficam? "Muitas delas, em estabelecimentos da Igreja, que organizam os processos de adopção. Outras desaparecem, com as mães, e perdemos-lhes o rasto".

Nos últimos três anos, sabe-se que as nigerianas tinham o hábito de deixar os bebés à guarda de famílias de Algeciras, que, muitas vezes, os educavam e até batizavam como se fossem filhos. Outras vezes, foi lavantada a suspeita, maltratavam-nos, ou, como as mães faltassem à promessa de os recuperar, entregavam-nos a instituições. Outras vezes ainda, eram as mães que os vinham "roubar"

intempestivamente, levando-os consigo não se sabe para onde nem em que condições, nem com que objectivo. Quando isso acontecia, era impossível apresentar queixa na polícia, ou deter as nigerianas, uma vez que toda a "adopção" decorreria de forma ilegal.

Os acordos entre as nigerianas e as famílias de "adopção" eram feitos de forma privada, sem qualquer intervenção ou controlo das autoridades, sem dúvida nos próprios apartamentos do padre Isidoro.

Após as investigações de alguns assistentes sociais, associações humanitárias e jornalistas espanhóis, começou a desconfiar-se de que alguns bebés terão sido entregues a troco de dinheiro, de que terá mesmo sido organizada uma rede de tráfico de crianças. Desde então, Isidoro passou a proibir as "adopções" particulares.

"O que eu digo às pessoas é que estas crianças não são bonecos de brincar. Se querem ajudar os imigrantes, ajudem também as mães, façam donativos, ofereçam empregos", sugere o padre, que entretanto abriu um "site" na internet para facilitar a solidariedade (www.padrepatera.net).

"Papá, Papá". Quando Isidoro entra numa das casas da rua da Praia da Vitória, as raparigas juntam-se à sua volta. "Papá, dê-me dinheiro". "Papá, o bebé tem diarreia". "Posso ir ao café, papá?"

O padre inspecciona os vários quartos, distribui raspanetes sobre a arrumação e a higiene, toma nota dos problemas, dá instruções. Por vezes acompanha as mulheres ao supermercado ou à farmácia. Como não têm qualquer documento de identificação, não é aconselhável que circulem sozinhas pela cidade. "Não quero que vão mais longe do que esta rua, entenderam? É muito perigoso", admoesta o padre, dirigindo-se a Elly, uma nigeriana de 19 anos, magra e escultural, de mais de um metro e oitenta e roupas provocadoramente justas. "Se tiveres de levar Destiny ao hospital, eu vou contigo. Disseram-me que tentaste ir sozinha. Não voltes a fazer isso".

"Sim, papá".

Uma vez, quando regressávamos do centro de Saúde, com Glória e Sucess, um mendigo acercou-se de Isidoro, com um papel na mão. Pediu-lhe dinheiro, obviamente para droga. O padre resmungou entre dentes uma das suas máximas politicamente incorrectas — "os drogados deviam ser todos mortos". E estugou o passo.

"É uma vergonha!", desatou a gritar o sem-abrigo. "Toda a gente sabe o que se passa nessas casas! É uma vergonha!" O padre nem olhou para trás, cada vez mais ligeirinho pela rua abaixo, dir-se-ia que a fugir. Mas o indigente gritava cada vez mais alto, esfarrapado e lívido como um louco de Deus, um Savonarola desenterrado. "É uma vergonha!"

E o Padre Pateras só se sentiu seguro quando chegou à casa da rua da Praia da Vitória.

"O Bem é cego, surdo e mudo. Não conhece raças nem religiões, e não faz perguntas", costuma ele dizer.

Perguntamos a Elly se realmente tentou ir ao hospital sozinha, com Destiny. Responde, com um sorriso beatífico, que nunca saiu da casa. E que casou na Nigéria, que o marido vive em Itália, que o seu sonho é trabalhar numa loja e dar uma boa

educação a Destiny... A sua expressão só muda quando lhe falamos de Missnana.

"Sabes o que é Missnana?", surpreende-se ela, baixando de súbito a voz. A sua voz rouca e grave, em cuja acrimónia assustada aquele nome adquire uma nova dimensão de horror.

"Missnana", pronuncia ela, pensativa, e é como se a palavra estiolasse, de um só golpe, toda a inocência do mundo.

"Missnana", repete Elly, esotérica, esguia e negra como uma sacerdotiza de Osíris. E é como se tudo gelasse em redor.

"Chiuuu". Faz sinal de que devemos mudar de assunto, porque o papá anda perto. E ele não tem de saber nada disto. É preciso poupá-lo, para que continue a praticar o Bem. O Bem é uma flor de estufa, não sobrevive fora do Paraíso.

São centenas de ventoínhas brancas e gigantes, esqueléticas, revolteando nas colinas, nas dunas, a perder de vista. Deve ser isto, a paisagem de harmonia celestial do Parque Eólico de Tarifa, que avista quem vem do mar, quem desembarca de uma patera.

Hoje pôs-se uma névoa rente à água, o que, segundo os entendidos, significa que vai finalmente virar o Levante que soprou nas últimas semanas. "Amanhã ou depois vão chegar as pateras", prevê o coordenador da Imigração da Cruz Vermelha de Tarifa, Juan António Fernández. O vento torna demasiado arriscada a aventura, pelo que, na costa de Tânger, várias pateras aguardam impacientes o momento de se fazerem ao Estreito. "Devem estar aí a aparecer dezenas delas", diz Juan António. "Dantes, vinham de qualquer maneira, mesmo com o Levante. Todas as semanas morria gente no Estreito. Agora são mais cuidadosos".

O telemóvel de Juan António está obrigatoriamente disponível 24 horas por dia. Quando a polícia detecta uma patera, num ponto qualquer dos 60 quilómetros de costa da região de Tarifa, telefona-lhe. Uma equipa da Cruz Vermelha chega ao local dentro de minutos. "Há sempre muitos feridos numa patera.

Principalmente devido à hipodermia ou à mistura de combustível e água salgada, que provoca queimaduras graves".

Segundo as estatísticas da Cruz Vermelha, chegaram às praias de Tarifa, no ano de 2002, 3763 ilegais em pateras. Destes, 2709 receberam tratamento médico e 20 já vinham mortos. Do total, 2005 eram sub-saarianos, 850 dos quais eram mulheres. Destas, 152 vinham grávidas. Das outras, 37 traziam bebês. "O número de grávidas e de bebês tem aumentado todos os anos. Em 2003, já temos mais nove grávidas e oito bebês do que em igual período do ano passado". A explicação, segundo o funcionário da Cruz Vermelha, é óbvia. Até há pouco tempo, os imigrantes sub-saarianos eram levados para um campo de refugiados, e depois libertados, por a Espanha não ter, como tem com Marrocos, acordos de extradição com os países de origem dos clandestinos. Hoje em dia (segundo Juan António, ilegalmente) estão a ser todos deportados. À excepção das grávidas. "A lei espanhola não permite deportar mulheres com mais de seis meses de gravidez ou mães de recém-nascidos. Por isso estamos a ter centenas de casos destes por ano. E os números vão seguramente aumentar. Dantes, quando chegava uma patera, o cenário era sempre igual: os marroquinos corriam pela praia fora, sabendo que não escapariam à deportação, se fossem apanhados. Os sub-saarianos esperavam sentados que chegasse a polícia. Agora todos correm, excepto as grávidas".

Tânger. Das pequenas pensões do souk, das casas protegidas pelas freiras de Calcutá, das esplanadas dos cafés à beira do porto, desapareceram os "negros". Eram aos milhares e agora não há nenhum, e ninguém fala disso. Como se tivesse havido um extermínio de que todos fossem cúmplices, ou coniventes. "A polícia começou a fazer rugas nas pensões e nas casas", conta-nos Pura, uma espanhola que trabalha com as freiras na assistência aos imigrantes sub-saarianos. "Todas as noites iam dezenas deles presos. Havia cenas de grande violência, foi uma verdadeira perseguição".

Entre os marroquinos, os "negros" são um tema tabu. Tais coisas as autoridades disseram sobre eles, que as pessoas têm

medo até de recordar que viram algum. Perseguidos já não apenas pela polícia mas pela população de Tânger, os africanos acabaram por tirar partido, para se protegerem, do próprio ódio que suscitavam. À volta do seu actual refúgio, a floresta de Missnana, construíram como que uma barreira de aversão. "É impossível ir a esse local. Eles estão desesperados, atacam qualquer um que se aproxime", disse-nos um jornalista baseado em Marrocos. Os Médicos Sem Fronteiras, que contactámos, disseram-nos que não vão a Missnana, por ser demasiado perigoso. E quando pedimos a um taxista que nos levasse lá, deixou-nos num campo de golfe. "É aqui!" Mandámo-lo continuar pela estrada, subindo o monte, e ele começou a ficar nervoso. "Nunca vim para estes lugares. Não continuo por menos de 200 euros. Isto é muito perigoso. É a zona dos negros..." Tivemos de fazer o resto do percurso a pé. A floresta de Rah Rah ocupa as encostas de dois montes. Olhamos em redor. Não se vê ninguém, nem se ouve nada, excepto uma brisa nos pinheiros. No sopé do primeiro monte há uma aldeia — Rah Rah. É ali que os "negros" costumam vir pedir comida, principalmente às sextas-feiras, quando os muçulmannos estão mais propensos à caridade. Embrenhamo-nos na floresta, com Ahmed, um marroquino que tem uma quinta com colmeias, entre os dois montes. A primeira sensação, tenebrosa e ridícula, é a de estarmos numa selva repleta de perigos, prestes a sermos atacados por indígenas com setas envenenadas. "Eles estão por todo o lado", diz Ahmed. Vivem espalhados por aí, aos milhares, nos arbustos, em tocas de javali. Uma vez, eu ia buscar um farnel que tinha deixado num desses buracos, e vi qualquer coisa que se movia, lá dentro. Era uma mulher, com um ar muito assustado. Eu disse 'Desculpe, minha senhora'. Nunca tive problemas com eles. Não fazem mal a ninguém. Simplesmente têm medo, porque os marroquinos são maus para eles".

Numa clareira da floresta há uma fonte e é aqui que vemos os primeiros nigerianos. Um rapaz e duas raparigas muito atraentes. Uma delas com maquilhagem carregada. Dir-se-ia

que saíram de uma discoteca, nunca da toca de um javali. Vieram buscar água, como todos costumam fazer. Por vezes tomam banho nus, homens e mulheres, para indignação dos marroquinos. "Eles não são muçulmanos, nem cristãos, nem judeus. São como animais", explica Ahmed, sem qualquer intenção pejorativa. "Alimentam-se de tudo. Cães e gatos que apanham. Por isso são muito fortes".

"Sim, estamos bem. Não há problema nenhum, pois não?", pergunta o nigeriano, entre o curioso e o desconfiado.

Embrenhamo-nos ainda mais na mata e finalmente começamos a vê-los, em pequenos grupos, a deslizar entre os arbustos. No cimo do monte há vários "negros", dispostos em posições de vigia. "Pelo menos uma vez por semana a polícia vem aqui", explicar-nos-ia o nigeriano Solomon, na outra encosta do monte. "Entram na floresta, como loucos. Tentamos fugir, esconder-nos, mas apanham sempre umas dezenas. Batem-lhes, por vezes matam-nos. E levam muitos presos, para serem deportados. Não para os seus países, mas para a fronteira com a Argélia, para uma zona inóspita de onde é impossível sair. Há ali, no meio do deserto, milhares de pessoas a morrerem à fome".

Solomon, de 23 anos, levou um mês a chegar a Marrocos, desde a Nigéria. Da fronteira até Tânger, fez o percurso quase todo a pé. Está em Missnana há um ano. A Europa, a escassas dezenas de quilómetros daqui, sente-a cada vez mais longe. O dia-a-dia é preenchido com a sobrevivência. Mas não tenciona desistir. "As pessoas no mundo rico não fazem a mínima ideia do que é viver em África. Não compreendem que não temos outra alternativa senão tentar fugir".

Chegamos a uma nascente, ao fundo da outra encosta.

Estamos no coração de Missnana. "Dezenas de "negros" encontram-se aqui, para tomar banho, para lavar roupa. Quebrada a desconfiança inicial, todos querem falar, contar a sua história. Mostram ferimentos, doenças, roupas e sapatos rotos.

"O mundo sabe que estamos aqui?", pergunta Jonathan, de 29 anos. "Na Europa há alguém a viver am arbustos? O mundo sabe que passamos fome? Que estamos aqui sem tecto, no

Inverno, à chuva e ao frio? Que somos objecto de caçadas, de matanças?"

Benjamin, 26 anos, está a lavar a sua roupa. "Já paguei milhares de euros para chegar até aqui. Agora não tenho mais dinheiro. Preciso de 2000 euros, só tenho 500. Ninguém me vai dar o resto. Só as raparigas conseguem... mas têm de ir grávidas, e depois têm de se prostituir para devolver o que devem. Eu vou ficar aqui para toda a vida. Por favor, levem-me convosco, escondido, de qualquer forma... Levem-me".

"Eu sei que se chegar à Europa conseguirei tudo", diz Jonathan. "Vocês, no cristianismo, acreditam no Céu, não é? Pois, para mim, o Céu é a Europa".

Todos os dias surgem nas praias de Tânger dezenas de cadáveres. Os "negros" não ignoram que, muitas vezes, os mafiosos das pateras, após terem cobrado os "bilhetes", levam-nos até meio do Estreito e lançam-nos à água. Outras vezes dão algumas voltas e desembarcam noutra praia marroquina, dizendo que chegaram à Europa.

Regularmente, também, grupos de marroquinos fazem incursões na floresta para matar "negros". Odeiam-nos porque trouxeram a polícia à região, perturbando a paz das pequenas comunidades fumadoras de kif, ou porque os fazem bodes expiatórios de todos os males.

São milhares e estão à mercê. São uma reserva ilimitada de vítimas, do inconfessável, do arbitrário, do impune, do obsceno. O que não farão para sair de Missnana?

É hora do jantar na casa da Praia da Vitória. As mulheres dão biberão ou papas aos bebés. Raramente a mama. Querem estar libertas, poder deixar as crianças com as outras. Glória, Elly, Carol, Cindy, Julet andam descalças, semi-nuas pela casa. Falam alto, raramente riem. O clima é de ansiedade. Há uma enorme desarrumação pela casa. As crianças estão deitadas nas camas, brincam, sujas, pelo chão. Sucess, Destiny, Lucky, Biggy, Blessing...

[Ao cair da noite, Elly e outras duas nigerianas estarão à porta de casa, vestidas e maquilhadas como para uma festa. "Vamos ao centro da cidade, fazer compras", explicará Elly.

"Entrem no carro, que lhes damos boleia". Leva-las-emos até ao centro, relutantes e nervosas. "Ficamos aqui, na paragem do autocarro". Darão duas voltas na rua e entrarão na camioneta para Málaga. Correremos para lá. "Onde vão?"

Elly tentará justificar-se, "Às compras em Málaga... mas eu fico... vou jantar contigo..." O autocarro partirá com as outras duas, Elly tentará fazer telefonemas, quererá vir para o nosso hotel, estará febril, desesperada. "Quero ir ter com as minhas amigas... vou embora..."

"Mas não podes andar por aí, não tens documentos..."

"Tenho um bebé, não me podem fazer nada". Manterá fechado na mão um bilhete para São Pedro de Alcântara, uma estância turística na estrada para Málaga, perto de Marbella e de Fuengirola. "Está bem, nós levamos-te lá".]

[Elly irá amuada no banco de trás do carro, as luzes dos restaurantes e clubes da estrada de Marbella a varrerem-lhe o rosto magnífico e amedrontado de criança. "Queremos comprar, em Málaga, comida africana, que não há em Algeciras", irá explicando.

"Comprar comida à noite?"

"É em casa de uma amiga nossa, que vende..."

"Dormem lá?"

"Sim, regressamos no autocarro das sete da manhã..."

Com uma expressão de menina perdida, apesar das tatuagens rituais nas maçãs do rosto, Elly admitirá que não é casada, que a convenceram a engravidar, que tem amigos na Itália e Alemanha, mas não pode contar...]

[Elly encontrará as amigas em San Pedro, na estrada de Marbella. "Sim, esta é uma zona de prostituição, já há muito tempo, principalmente de negras. Os carros param, elas entram...", contar-nos-á o empregado de um café à beira da

estrada. "Estão a ver o que lhes dizia? Estas, por exemplo!", dirá ele, quando Elly e as amigas entram no café, para comprar cartões de telefone para Itália, Marrocos, Nigéria.

Horas depois passaríamos pela estrada, de carro, abrandando no local onde as três nigerianas estão sentadas, junto a um contentor de lixo. Antes de repararem em quem está no interior, aproximar-se-ão, com sorrisos arrepiantes.]

Elly pega em Destiny ao colo, para o beijar. É um beijo não de hipocrisia e traição, mas um beijo puro e mais humano do que a própria vida. Como se Elly não fosse mãe, mas filha, pedindo a Destiny que a deixasse partir.